

DOMINGOS DE PÁSCOA – ANO A

Pe. Tomaz Hughes, SVD

1º DOMINGO DE PÁSCOA (16.04.17) Jo 20, 1-9

2º DOMINGO DA PÁSCOA (23.04.17) Jo 20, 19-31

3º DOMINGO DE PÁSCOA (30.04.17) Lc 24, 13-35

4º DOMINGO DE PÁSCOA (07.05.17) Jo 10, 1-10

5º DOMINGO DE PÁSCOA (14.05.17) Jo 14, 1-12

6º DOMINGO DE PÁSCOA (21.05.14) Jo 14, 15-21

DOMINGO DA ASCENSÃO DO SENHOR (28.05.17) Mt 28, 16-20

1º DOMINGO DE PÁSCOA (16.04.17) Jo 20, 1-9

“Ele viu e acreditou”

Os quatro evangelhos relatam os acontecimentos do Dia da Ressurreição, cada um de acordo com as suas tradições. Mas, certos elementos são comuns a todos: o fato do túmulo vazio, que as primeiras testemunhas eram as mulheres (embora divirjam quanto ao seu número e identidade e o motivo da sua ida ao túmulo - para ungir o corpo, ou para vigiar e lamentar), e de que uma delas era Maria Madalena. Podemos tirar disso a conclusão que as mulheres tinham lugar muito importante entre o grupo dos discípulos de Jesus, e que elas eram mais fiéis do que os homens, seguindo Jesus até a Cruz e além dela! Infelizmente, outras gerações fizeram questão de diminuir a importância das discípulas na tradição – e a Igreja sofre até hoje as consequências.

Lendo os relatos, um fato salta aos olhos – ninguém esperava a Ressurreição. Para os discípulos, a Cruz era o fim da esperança, a maior desilusão possível. Se somarmos a isso o fato que todos os Doze traíram Jesus (ou por dinheiro, ou por covardia), podemos imaginar o ambiente pesado entre eles na manhã do Domingo. Nesse meio, chega a Maria com a notícia de que o túmulo estava vazio - e ela, naturalmente, pensa que o corpo tinha sido roubado. Ressurreição - nem pensar!

No nosso texto, Pedro (que tem um papel importante nos textos pós-ressurrecionais) e o Discípulo Amado (anônimo, mas quase certamente não um dos doze) correm até o túmulo. O texto deixa entrever a tensão histórica que existia entre a comunidade do Discípulo Amado e a comunidade apostólica (representada por Pedro). Pois, o Discípulo Amado espera por Pedro (reconhece a sua primazia), mas enquanto Pedro vê sem acreditar, o Discípulo Amado acredita. No Quarto

Evangelho, Pedro só realmente vai conseguir amar Jesus no Capítulo 21, enquanto o Discípulo Amado é o tal desde Capítulo 13. Só quem olha com os olhos do coração, do amor, penetra além das aparências!

Como em Lucas 24, na história dos Discípulos de Emaús, o texto demonstra que a nossa fé não está baseada num túmulo vazio! Não é o túmulo vazio que fundamenta a nossa fé na Ressurreição, mas o contrário - é a experiência da presença de Jesus Ressuscitado que explica porque o túmulo está vazio! Cuidemos de não procurar bases falsas para a nossa fé no Ressuscitado!

Hoje, quando olhamos para o mundo ao nosso redor, é fácil não acreditar na vitória da vida sobre a morte. Há tanto sofrimento e injustiça - guerra, violência, corrupção endêmica, salários minguados, aposentadorias (dos trabalhadores, claro, não da elite!) ameaçadas, saúde e educação sucateadas, sem falar de desastres naturais! Só uma experiência profunda da presença de Jesus libertador no meio da comunidade poderá nos sustentar na luta por um mundo melhor, com fé na vitória final do bem sobre o mal, da luz sobre as trevas, da graça sobre o pecado! Nós todos somos discípulos amados, pois “nada nos separa do amor e Deus em Jesus Cristo” (Rm 8), mas, será que somos discípulos amantes? Será que amamos a Jesus e ao próximo? Lembremos que o ágape, o amor proposto pelo Evangelho, não é um sentimento, mas uma atitude de vida, de solidariedade, de partilha, de justiça. “O amor consiste no seguinte: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi Ele que nos amou, e nos enviou o seu Filho como vítima expiatória por nossos pecados. Se Deus nos amou a tal ponto, também nós devemos amar-nos uns aos outros” (1Jo 4, 10-11).

Que a mensagem da Ressurreição, da vitória da vida sobre a morte, nos anime e dê força, especialmente quando a Cruz pesar muito em nossas vidas!

2º DOMINGO DA PÁSCOA (23.04.17) Jo 20, 19-31

“A Paz Esteja Com Vocês”

No texto anterior ao de hoje, a Maria Madalena traz a notícia da Ressurreição aos discípulos incrédulos. Agora é o próprio Jesus que aparece a eles. Não há reprovação nem queixa nas suas palavras, apesar da infidelidade de todos eles, mas, somente a alegria e a paz que Ele já tinha prometido no último discurso. Duas vezes Jesus proclama o seu desejo para a comunidade dos seus discípulos – “A paz esteja com vocês”. O nosso termo “paz” procura traduzir – embora de uma maneira inadequada – o termo hebraico “*Shalom!*”, que é muito mais do que “paz” conforme o nosso mundo a compreende. O “*Shalom*” é a paz que vem da presença de Deus, da justiça do Reino. O SHALOM pode ser definido como “o bem-estar total para todos/as” - é tudo que Deus deseja para os seus filhos e filhas. Tem muitas conotações de justiça social. Como disse o saudoso Papa Paulo VI, “A

justiça é o novo nome da paz!” Jesus não promete a paz do comodismo, mas, pelo contrário, envia os seus discípulos na missão árdua em favor do Reino. Promete o *shalom*, pois, Ele nunca abandonará quem procura viver na fidelidade ao projeto de Deus.

Jesus soprou sobre os discípulos, como Deus fez (é o mesmo termo) sobre Adão, quando infundiu nele o espírito de vida. Jesus os recria com o Espírito Santo. Normalmente imaginamos o Espírito Santo descendo sobre os discípulos em Pentecostes, mas, aquilo era a descida oficial e pública do Espírito para dirigir a missão da Igreja no mundo. Para João, o dom do Espírito, que da sua natureza é invisível, flui da glorificação de Jesus, da sua volta ao Pai. O dom do Espírito neste texto tem a ver com o perdão dos pecados.

Mais uma vez, em um domingo, Jesus aparece aos discípulos (notem a ênfase sobre o Domingo – duas vezes). Esta vez, Tomé está presente. Ele representa os discípulos da comunidade joanina do fim do século, que estavam vacilando na sua fé no Ressuscitado, diante dos sofrimentos e tribulações da vida. Assim, nos representa, também, quando nós vacilamos e duvidamos. Jesus nos fortalece com as palavras: “Felizes os que acreditaram sem ter visto!” Essa muitas vezes será a realidade da nossa fé – acreditar contra todas as aparências que o bem é mais forte do que o mal, a vida do que a morte! Somente uma fé profunda e uma experiência da presença do Ressuscitado vão nos dar essa firmeza.

Tomé confessa Jesus nas palavras que o Salmista usa para Javé (Sl 35, 23). No primeiro capítulo do Evangelho de João, os discípulos deram a Jesus uma série de títulos que indicaram um conhecimento crescente de quem Ele era; aqui Tomé lhe dá o título final e definitivo – Jesus é Senhor e Deus!

Nessa proclamação triunfante da divindade de Jesus, o Evangelho original terminava. (O Capítulo 21 é um epílogo, adicionado mais tarde). No início, João nos informou que “o Verbo era Deus”. Agora ele repete essa afirmação e abençoa todos os que a aceitam, baseados na fé! A meta do Evangelho foi alcançada – mostrar a divindade de Jesus para que, acreditando, todos pudessem ter a vida n’Ele.

3º DOMINGO DE PÁSCOA (30.04.17) Lc 24, 13-35

“Reconheceram Jesus quando Ele repartiu o pão”

Talvez um dos relatos mais conhecidos de Lucas seja a história dos dois discípulos na estrada de Emaús. Nas figuras dos discípulos temos um retrato das comunidades lucanas pelo ano 85 - vacilando na fé, descrentes, desanimadas, sem sentir a presença do Ressuscitado. Lucas procura reanimar o seu pessoal, mostrando que eles não estão abandonados - muito pelo contrário, estão caminhando na vida contando com a presença do Senhor que venceu a morte.

Esta história pode nos ajudar bastante hoje, pois retrata a situação de muitos cristãos e comunidades nos tempos atuais – acreditam em Jesus intelectualmente, mas, não vibram com a presença d’Ele no meio de nós; reduzem a fé a uma adesão intelectual aos dogmas, sem que seja algo que dê sentido à vida e à caminhada; limitam o seguimento de Jesus à uma séria de práticas e leis morais, mas, sem qualquer vigor missionário. O nosso texto nos ajudará a ver como a Palavra de Deus na Bíblia pode nos ajudar a interpretar a nossa realidade para que, em lugar de perder o ânimo, nos tornemos vibrantes discípulos-missionários/as do Senhor. Jesus é o mestre da Bíblia e aqui ele demonstra como aproveitar a Escritura para iluminar os problemas práticos da nossa caminhada, e reforçar a coragem na nossa missão de evangelizadores.

O que temos aqui é realmente um pequeno drama em cinco atos - um drama que nos mostra a pedagogia de Jesus. Vejamos mais de perto:

O Primeiro ato: vv. 13-19^a: “Introdução”

O relato começa com as palavras “nesse mesmo dia”. Devemos já fazer uma parada e nos perguntar “que dia”? Para nós seria o dia da Ressurreição, mas, para os dois discípulos era simplesmente o terceiro dia da morte de Jesus! Dia de desânimo, de tristeza. “Os dois iam para um povoado chamado Emaús, distante onze quilômetros de Jerusalém”. Aqui é bom lembrar que o bom judeu não podia caminhar mais do que um quilômetro no dia de sábado. Portanto, era impossível que eles viajassem no dia anterior. Domingo é a sua primeira oportunidade para sair de Jerusalém, e aproveitaram bem - já estão voltando para a sua casa, desiludidos, decepcionados e sem perspectivas. A cena começa com a desintegração da comunidade cristã. Tudo acabou, a comunidade se dispersa, não há nem alegria nem esperança.

Quem eram eles? Sabemos do relato que um se chamava Cléofas! E o outro? O Evangelho de João nos conta que a irmã de Maria, mãe do Senhor, chamada Maria de Cléofas, estava junto à cruz (Jo 19, 25). Não seria demais acreditar que os dois discípulos era o casal, Cléofas e a sua esposa, voltando depois da peregrinação pascal à Jerusalém. Nunca saberemos com certeza, mas é uma hipótese agradável e possível. Pois, sendo assim, a descoberta da presença do Ressuscitado dar-se-á no lar e não em uma hospedaria anônima. Seria bem de acordo com a valorização na obra de Lucas da Igreja Doméstica, a Igreja que se reunia nas casas, como tantas Igrejas vivas de hoje.

De repente, no caminho surge Jesus, sem que seja reconhecido. Com isso, Lucas quer dizer que o Ressuscitado não é um defunto que voltou a viver – mas, tem uma nova maneira de ser, um corpo glorificado. É importante notar como Jesus se comporta, através dos verbos que Lucas usa. Ele “aproximou-se”, “caminhou com eles” e “perguntou”. Ele não veio “dando de dedo”, nem dando explicações bíblicas. Ele criou um ambiente de fraternidade onde fosse possível explicar tanto a vida como a Bíblia! Quantas vezes isso falta em nossos grupos, nossas comunidades - não nos aproximamos uns aos outros, mantemos distância! Não caminhamos juntos, queremos dar soluções sem conhecer a realidade dos nossos irmãos e

irmãs! Por isso mesmo, muitas vezes não têm efeito as nossas reuniões, os nossos encontros bíblicos.

O “ato” termina com a pergunta d’Ele: “O que é que vocês andam discutindo pelo caminho” (v. 17), ou seja, Ele dá uma oportunidade para que eles exponham a sua realidade, sem julgamento, sem moralismo. Ele parte da realidade dos dois, conforme eles a experimentam, mesmo com análise equivocada.

Segundo Ato: vv 19b -24: “Os Discípulos Falam”

Diante da oportunidade de explicitar a sua realidade, Cléofas não titubeia. Ele expõe com clareza a sua situação. Diante da morte de Jesus ele frisa uma coisa importante: “nós esperávamos que Ele fosse o libertador de Israel” (v. 21). Eles “esperavam”, portanto, não esperam mais nada. Aqui ressoam traços de decepção, desilusão, desânimo, até de uma certa revolta contra Jesus, pois, todas as suas esperanças tinham sido desfeitas. Os seus sentimentos vão muito além de uma simples tristeza! Algo semelhante marca muita gente e muitas comunidades hoje – esperávamos um governo em favor do povo, e recebemos um golpe em favor da elite, agronegócio e lucro desenfreado! Esperávamos uma Igreja com os traços de Vaticano II e Medellín e em muitos lugares instalou-se uma Igreja clericalista, fechada em si, devocionalista, alienada e alienante, apesar de tantas comunidades comprometidas e o exemplo e os apelos do profeta de hoje, o Papa Francisco! É tentador – mas errado! – concluir que é melhor abandonar a luta e cultivar a resignação e a passividade, como foi a tentação dos dois discípulos.

É importante notar também que Lucas explicita bem quem foi que matou Jesus - não foi o povo, mas, grupos de interesse bem definidos: “Nossos chefes dos sacerdotes e nossos chefes o entregaram para ser condenado à morte, e o crucificaram” (v. 20). Para não reduzir a morte de Jesus a uma fatalidade qualquer ou a algo desejado pelo Pai, é necessário examinar mais profundamente esta afirmação do Cléofas. Jesus foi morto, assassinado judicialmente pelos “chefes dos sacerdotes” - um grupo de sacerdotes do partido aristocrático e conservador dos saduceus, que dominava o comércio do Templo, lucrando muito com a exploração do povo através da religião, e que viu a sua hegemonia ameaçada pela pregação e profetismo de Jesus. Também foi morto pelos “chefes” ou “magistrados”, ou seja, os membros do Sinédrio, o órgão do governo interno do povo judaico de Palestina, na maioria pertencente ao partido elitista dos saduceus (não dos fariseus), colaboradores com o poder romano, lucrando bastante com isso. Então Jesus foi morto não por acaso, mas para defender os privilégios da elite dominante! A cruz era a consequência lógica da vida de Jesus, da sua mensagem e atuação, que ameaçavam os privilégios das elites!

Outro elemento importante é o fato de que os dois sabiam do túmulo vazio - dois dos apóstolos já tinham verificado a história das mulheres. Mas, isso não dizia nada para eles! Aqui se destaca que a nossa fé não se baseia num túmulo vazio! É a nossa fé na Ressurreição que explica porque o túmulo estava vazio e não o túmulo que dá consistência à nossa fé!

Terceiro Ato: vv25-27: A Bíblia

Agora, e só agora, depois de ter criado o ambiente e escutado a realidade é que Jesus usa a Escritura. Ele frisa que eles “custam para entender e demoram para acreditar em tudo o que os profetas falaram” (v. 25). Notemos bem - não custaram para “saber”, mas para “entender e acreditar”. Pois, eram judeus piedosos, que, mesmo sendo analfabetos, conheciam muito bem os salmos e as profecias. O seu problema era que, embora conhecessem o livro da Bíblia, e também o livro da vida, eles não conseguiam ligar as duas coisas. Então, Jesus “explica” as escrituras - isso é, ele não dá uma aula de exegese, mas faz a ligação entre a vida deles e a Bíblia, iluminando a realidade deles com a Palavra de Deus!

Quarto Ato: vv 28-32: A Partilha

Chegando em Emaús, os discípulos convidam Jesus para entrar a e jantar com eles. Se realmente se trata de um casal, então seria entrar na sua casa, no aconchego do seu lar, e não em uma hospedaria, como normalmente a gente supõe. Aqui temos o ponto central da história – pois, até agora a explicação bíblica, por tão bonita que pudesse ter sido, não mudou a vida deles. Mas, agora sim. Jesus se põe à mesa e: “tomou o pão e abençoou, depois o partiu e deu a eles” (v. 30). De propósito, Lucas usa as palavras que recordam a Última Ceia. É a experiência da partilha, da comunidade! Agora o milagre acontece: “Nisso os olhos dos discípulos se abriram e eles reconheceram Jesus” (v. 31). Neste mesmo momento Jesus desaparece da frente deles! Por que? Porque, uma vez feita a experiência da presença do Ressuscitado no meio deles, eles não precisavam mais da “muleta” da sua presença física.

Agora eles caem dentro de si e reconhecem que: “Não ardia o nosso coração quando Ele nos falava pelo caminho, e nos explicava as Escrituras?” (v. 32). A Bíblia é capaz de fazer “arder o coração”, mas, para “abrir os olhos” é necessária também a experiência de comunidade, de celebração , de partilha!

Quinto Ato: vv 33-36: A Missão

Se a história terminasse aqui, seria a história de uma experiência bonita feita por duas pessoas. Isso não basta. Tal experiência da presença do Senhor Ressuscitado exige a formação de uma comunidade fraterna de vida: discipulado e missão. Os mesmos dois que de manhã fugiam de Jerusalém, pois, era o lugar da morte, da perseguição e do fracasso, de tarde se põem no caminho de volta! O que mudou em Jerusalém durante o dia? Nada! Continua sendo o lugar de perigo, de morte, de perseguição. Mas, mudou a cabeça dos dois. Em lugar de uma fé pré-pascal, eles agora têm uma fé pós-pascal. Em lugar de desânimo, há entusiasmo e coragem, pois experimentaram a presença de Jesus Ressuscitado. A história que começou com a comunidade se desintegrando termina com a comunidade se reintegrando, se unindo, na paz e na alegria, pois os discípulos puderam confirmar: “Realmente o Senhor ressuscitou, e apareceu a Simão” (v. 34). E os dois de Emaús puderam contar “o que tinha acontecido no caminho, e como tinham reconhecido Jesus quando ele partiu o pão” (v. 36).

Esta história pode servir para nós como paradigma de um círculo bíblico, grupo de reflexão, ou seja qual for o nome que nós damos às nossas pequenas comunidades. Jesus liga quatro elementos essenciais - a realidade, a Bíblia, a celebração partilhada e a comunidade. É na união entre estes elementos que se revela a presença do Ressuscitado e a vontade de Deus. É na interação destes aspectos da vida cristã que a Bíblia se torna: “Lâmpada para os meus pés, e luz para o meu caminho” (Sl 119, 105). Procuremos unir estes elementos nas nossas reuniões e encontros, e descobriremos como se concretiza o desejo do Salmista: “Oxalá vocês escutem hoje o que Ele diz” (Sl 95, 7)

QUARTO DOMINGO DE PÁSCOA (07.05.17)

Jo 10, 1-10

“Eu vim para que todos tenham a vida e a tenham em abundância”

O texto de hoje manifesta claramente o ambiente pastoril da Palestina no tempo de Jesus. Os versículos estão carregados de imagens tiradas da vida dos pastores, imagens rurais que talvez sejam difíceis de serem bem compreendidas no ambiente urbano de hoje. Porém, a mensagem básica permanece clara, e é de valor perene.

Podemos dividir o texto em duas grandes partes. Versículos 1-5 e vv 6-10. Alguns exegetas acham duas parábolas separadas nos vv. 1-5: os primeiros três versículos fazem contraste entre duas maneiras de se aproximar às ovelhas. Quem não entra pela porta é maléfico. Os vv. 3b-5 têm como enfoque o relacionamento entre a ovelha e o pastor. Elas só respondem à voz do seu verdadeiro pastor. No contexto do Evangelho, fica claro que aqui se contém uma advertência contra o perigo de responder aos ensinamentos dos fariseus, que João apresenta como falsos mestres. Podemos atualizar essa advertência para os dias de hoje! Nunca faltam exploradores da fé popular para o seu próprio benefício (na verdade, os fariseus não eram assim, mas a crítica nasce em tempos de polêmica da comunidade joanina e eles).

É claro que também aqui temos ecos do Capítulo 34 de Ezequiel, que castigava os líderes do povo de Israel como maus pastores, que se engordavam às custas do povo. Assim, as ovelhas estavam dispersas como ovelhas sem pastor (Ez 34, 1-10). Nesse capítulo, o Senhor promete que vai reunir as suas ovelhas dispersas e conduzi-las às boas pastagens (34, 11-16). O nosso texto faz compreender que Jesus é o instrumento desta missão de Javé, retratada em Ezequiel, pois é Ele o verdadeiro Bom Pastor.

A segunda parte, Jo 10, 7-10, usa as metáforas da porta e do bom pastor. Jesus é a porta do aprisco, e também o bom pastor. João quer insistir que Jesus é a única fonte de salvação. Os que vieram antes d’Ele, provavelmente uma referência aos

mestres judaicos e às suas tradições, são rejeitados. É Jesus que veio para que todos tivessem a vida plena.

Aqui é necessário insistir que a missão de Jesus era trazer a vida para todos - não para alguns - e a vida plena, não uma suposta “vida espiritual”. Vida plena, em abundância, exige tanto os bens materiais necessários para uma vida digna, como os bens espirituais. O mundo de hoje, movido pelo consumismo e materialismo, limita a realização humana ao “ter”, enquanto uma religiosidade alienada - muito comum hoje em todas as Igrejas e denominações - faz com que os cristãos se omitam, restringindo a “vida em abundância” para depois da morte. O seguimento do Bom Pastor nos coloca em choque com a sociedade vigente excludente e com a religião alienante. O texto impede que nós nos refugiemos em uma interpretação espiritualista, oferecendo uma vida plena após a morte, pois o Reino de Deus que Jesus anuncia já está no meio de nós (Mc 1, 14-15), mesmo que a sua realização plena só acontece no além. O v. 11 nos manifesta o preço a ser pago por ser bom pastor! Jesus afirma que “o bom pastor se despoja da própria vida por suas ovelhas” (v. 11). Enquanto o mercenário sacrifica as suas ovelhas ao seu interesse, o bom pastor entrega a sua vida até a morte para que os outros vivam.

As imagens do texto são por demais conhecidas. Todos conhecemos cartazes mostrando Jesus como o Bom Pastor. Cumpre assumir a continuidade da sua missão, entregando a nossa vida na luta diária para a criação de uma sociedade mais justa e humana - portanto divina - pois, só assim seremos fiéis a Aquele que veio “para que todos tenham a vida e a tenham em abundância”. Por isso, a fé exige participação social, como no dia 28 de abril de 2017 - luta pela vida plena de todos/as.

QUINTO DOMINGO DE PÁSCOA (14.05.17)

Jo 14, 1-12

“Credes em Deus; crede também em mim”

O Evangelho de João inicia o tal chamado “Último Discurso” de Jesus, com o texto de hoje. Esses versículos - a primeira das três partes do discurso - contêm a maioria das referências à partida iminente de Jesus; portanto, é o trecho mais apropriado para o contexto da Última Ceia. A moldura do texto consiste em dois mandamentos fortes para acreditar em Deus e em Jesus (vv 1.11). Novamente, cumpre lembrar que “crer” não é somente uma adesão mental, mas, um compromisso de vida - uma atitude vivencial de seguimento de Jesus, no cumprimento da vontade do Pai.

O primeiro tema do texto nasce da insegurança dos discípulos diante da partida iminente de Jesus e a perspectiva de serem entregues à sua própria sorte em um

mundo hostil, o que ameaça a sua fidelidade e perseverança (14, 27 e 16, 6.20). Jesus demonstra que a sua partida não é um abandono, mas o início de uma união mais profunda com Ele e com o Pai, e que o Espírito Santo os defenderá contra as pressões do mundo incrédulo. Eles têm que alcançar uma fé concreta e firme em Jesus, o Filho encarnado, em que se manifesta a revelação suprema de Deus (5, 38; 8, 46-47). Jesus os reconforta com a promessa de uma volta Sua, quando Ele os reunirá a Ele. Aqui parece ter uma referência à parusia, a segunda vinda de Jesus, uma das poucas referências em João à chamada “escatologia final”. Mas, é importante que não se limite este retorno de Jesus aos últimos tempos - pois os verbos em v. 3 estão no futuro e no presente! Assim o texto enfatiza a presença de Jesus na sua comunidade, a Igreja. De certa maneira, onde se vive a verdadeira comunidade do discipulado, aquilo que pertence ao futuro escatológico já acontece.

Tomé mostra que ele entende tão pouco de Jesus quanto as autoridades judaicas (sempre é bom lembrar que, em geral, quando o quarto Evangelho se refere aos “judeus”, está se referindo às autoridades do Templo e não o povo em geral). Jesus explica que ele é o caminho ao Pai, pois ele encarna a verdade sobre o Pai e dá a vida que vem do Pai aos seres humanos. Ele é a única fonte de conhecimento sobre o Pai. Para chegar ao Pai é necessário um seguimento de Jesus mesmo. Ele não é somente um guia no caminho, mas, a fonte da vida e da verdade. As palavras de Jesus enfatizam a sua unidade total com o Pai - Ele o revela e nem as suas palavras nem as suas obras são d’Ele mesmo, mas nascem da sua unidade com o Pai. Àqueles que creem será dado o dom de manifestar obras semelhantes e até maiores do que do Filho. Não se trata de fenômenos assombrosos (tão queridos de muitos grupos fundamentalistas hoje), mas do testemunho dos discípulos, animados pela presença do Espírito, para que o mundo creia em Jesus.

A maior obra será a criação de uma comunidade alternativa de amor e justiça - a Igreja - fiel ao seguimento radical de Jesus. Estes versículos nos convidam a um profundo exame de consciência sobre a nossa maneira de vivenciar a Igreja - tantas vezes simplesmente uma conglomeração de pessoas, sem partilha, sem solidariedade, sem testemunho profético diante do mundo de classes, de consumismo, de materialismo. Enfatiza a necessidade de recuperarmos a base mística da nossa fé, o seu fundamento. Sem esta intimidade com Jesus, o Caminho, a Verdade e a Vida, as Igrejas facilmente tornam-se grupos unidos por uma crença, uma lei, uma ética, mas, não por uma experiência profunda do Deus da vida, manifestado em Jesus Cristo, e nem pela visão que impulsiona Jesus - O Reino de Deus. Para que isso aconteça, o texto enfatiza a necessidade da oração em nome de Jesus, que vai atender a nossa prece (somente em João é Jesus que nos atende - normalmente nos Evangelhos é o Pai que nos atende através da intercessão de Jesus).

O texto vai continuar com uma reflexão trinitária, onde o mesmo tema é aplicado ao Espírito (vv. 15-17), a Jesus (vv. 18-22) e ao Pai (vv. 23-24) - o tema é de que a pessoa divina virá e habitará em nós, se obedecermos aos mandamentos.

O texto nasceu na comunidade do Discípulo Amado, em uma época de incertezas e dúvidas. Hoje em dia a nossa Igreja passa por muitas incertezas, dúvidas e até às

vezes parece balançar. Diante dos questionamentos (até benéficos, na verdade), dúvidas e para ser sincero, escândalos, que frequentemente nos abalam, vale a mensagem central do texto, a certeza da presença de Jesus Ressuscitado entre nós. Ele que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

- - -

SEXTO DOMINGO DE PÁSCOA (21.05.14)

Jo 14, 15-21

“Ele dará a vocês outro Advogado, para que permaneça com vocês para sempre”

O texto dá início, dentro da primeira parte do “Último Discurso” de Jesus, à seção trinitária, onde o mesmo tema é aplicado ao Espírito (vv. 15-17), a Jesus (vv.18-22) e ao Pai (vv. 23-24) - o tema de que, se guardarmos os mandamentos, cada personagem divina virá e habitará conosco.

O Quarto Evangelho nos traz formulações muito bonitas referentes à Trindade e ao Espírito Santo, especialmente no Último Discurso de Jesus. Neste trecho, se enfatiza a necessidade de guardar os mandamentos, para que possamos receber o dom do Espírito Santo. Aqui encontramos a primeira de duas promessas no capítulo da chegada do Paráclito, uma palavra grega que significava o que seria, em nossa linguagem, o advogado da defesa. Em diversos textos João expressa a função do Espírito dentro da comunidade pós-ressurrecional. Aqui o Espírito agirá como defensor dos discípulos diante dos ataques do mundo de incredulidade (lembremo-nos que na época do escrito, pelo fim do primeiro século da nossa era, a comunidade joanina estava sofrendo muitos ataques de diversas origens). Vale a pena notar aqui que o Espírito Santo será “outro Paráclito,” pois, Jesus já tinha sido defensor dos discípulos durante a sua vida terrestre, e continuará a sê-lo no céu. O Espírito Santo será o Espírito da Verdade, ou seja, o Espírito que revelará ao mundo a verdade sobre Jesus, como Jesus já tinha feito, mostrando-nos a verdade sobre o Pai.

A partir do v. 18, como fez no início do capítulo 14, Jesus volta a consolar os seus discípulos, e a falar da sua volta. Só que aqui não se refere tanto à sua vinda na Parusia, ou a Segunda Vinda, mas, uma volta espiritual, através de inibição divina em cada discípulo, uma presença real que fará com que os discípulos compreendam que Jesus e o Pai são um. Assim, os discípulos conhecerão a relação verdadeira entre Jesus e o Pai, e descobrirão que existe o mesmo relacionamento entre Jesus e eles próprios. De novo põe-se a observância dos mandamentos como condição para que aconteça essa presença, espiritual, mas, real. A observância dos mandamentos não é uma simples exigência legal, mas a demonstração do amor dos discípulos para Jesus.

Atrás desse texto está o desejo do autor de fortalecer a fé da sua comunidade em tempos difíceis. Assim tem muita relevância para a Igreja, a comunidade dos

discípulos, hoje. Como então, às vezes a nossa fé poderá vacilar diante de ataques, da perseguição ou até da indiferença do mundo. O texto procura renovar nos leitores a certeza da presença da Trindade no nosso meio - pois, o Espírito nos dará força para que vencemos as dificuldades e sofrimentos que eventualmente poderão nos assolar, individual ou comunitariamente. Também insiste na necessidade de criarmos uma comunidade de amor e solidariedade, para que a inibição divina em cada pessoa e na comunidade possa tornar-se uma força efetiva no fortalecimento da nossa fé, da nossa caminhada. Lembremo-nos que no Quarto Evangelho o Grande Mandamento era de amar-nos uns aos outros, como Ele nos amou, ou seja, na doação de nós mesmos na luta de criar um mundo onde se vive o sonho de Jesus, que veio “para que todos tenham a vida e vida em abundância” (Jo 10, 10).

- - -

DOMINGO DA ASCENSÃO DO SENHOR (28.05.17)

Mt 28, 16-20

“Eu estarei com vocês todos os dias até o fim do mundo”

Chegamos ao último trecho do Evangelho de Mateus. Podemos dizer que o evangelho todo culmina na postura dos discípulos, descrita no versículo 17: “Ajoelharam-se diante d’Ele” - uma postura de adoração, de reconhecimento da sua natureza divina. Porém, o trecho nos adverte que muitas vezes a nossa fé em Jesus também pode ser vacilante, quando fala “ainda assim, alguns duvidaram”.

As comunidades que podemos chamar de “mateanas” estavam em crise. Os líderes judaicos de então, diante da fraqueza da identidade judaica da época, insistiam em uma interpretação rígida da Lei e não toleravam qualquer dissidência ou questionamento. Iniciaram um processo de expulsão dos judeu-cristãos da sinagoga, sob a acusação de estarem traindo a religião de Moisés para seguir os ensinamentos de Jesus. Com isso, os cristãos foram obrigados a buscar outros caminhos, fora do judaísmo oficial, em uma insegurança que exigia coragem para fazer a nova caminhada diante de tanta oposição até dentro da própria família. O Evangelho de Mateus nasceu, então, para fazer com que a sua comunidade ficasse firme na fé em Jesus e entendesse que o seguimento de Jesus, longe de ser o abandono das tradições religiosas dos seus antepassados, era na verdade fidelidade a toda a caminhada do povo da Aliança. Para isso, toda a história de Jesus foi recontada de uma forma tal que os seus discípulos sentissem que Ele era o Messias, o Novo Moisés, o Emanuel, Deus no meio do seu povo. Logo no início, quando o anjo do Senhor anuncia o futuro nascimento a José, o texto enfatiza que o filho “será chamado pelo nome de Emanuel, que quer dizer: Deus está conosco” (Mt 1, 23). No meio do Evangelho, falando aos discípulos, o próprio Jesus afirma: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou aí no meio deles” (Mt 18, 20). Agora, na última frase do Evangelho, o Ressuscitado garante que “Eis que estou com vocês todos os dias, até o fim do mundo” (Mt 28, 20). Jesus era a presença de Deus conosco desde o início. Ele está presente nas comunidades hoje

e Ele estará sempre conosco em todas as circunstâncias da nossa vida, para sempre.

Depois de um longo escrito de vinte e oito capítulos, o Evangelho termina de uma forma muito resumida, neste texto de hoje. É um texto tão denso em conteúdo que dificilmente a gente pode imaginar como dizer mais coisas em tão poucas palavras. Como gênero literário, reúne elementos das “entronizações” do Antigo Testamento com a comissão apostólica.

Em primeiro lugar, vale notar a localização do acontecimento em Mateus - na Galiléia. Seguindo o mandamento dado pelo anjo do Senhor na manhã da Ressurreição (Mt 28, 7), os discípulos voltam para a Galiléia para encontrar-se com o Senhor Ressuscitado. Aqui “Galiléia” significa mais do que um local geográfico! A Galiléia era lugar da missão de Jesus, onde Ele serviu os pobres e marginalizados pela sociedade e pela religião oficial. Voltar para a Galiléia significava voltar para a prática de Jesus, um afastamento de Jerusalém, símbolo da sede de poder e dominação. Mateus nos ensina que quem quiser encontrar-se na sua vida com o Jesus Ressuscitado deve assumir o seguimento de Jesus na prática das suas opções, aplicadas às condições e desafios da sociedade de hoje. É o que o Papa Francisco não se cansa de ensinar. Depois vêm as normas, orientações e disciplinas. O que significa assumir as opções práticas de Jesus no nosso mundo de consumismo e exclusão, de materialismo e descrença? Cabe a cada Igreja Local, a cada cristão indagar-se seriamente nesse sentido.

Embora haja uma referência à visão que os apóstolos tiveram de Jesus, a ênfase cai sobre as suas palavras. Não há nenhum relato da Ascensão, como existe em Atos (At 1, 9-11), pois, para Mateus, já tinha acontecido junto com a Ressurreição. As últimas palavras de Jesus poderão ser divididas em três partes, referentes ao passado, ao presente e ao futuro. Jesus declara que toda a autoridade foi dada a Ele no céu e sobre a terra - o verbo está no passado e ensina que Deus deu a Jesus a autoridade como Filho do Homem. Essa autoridade é a do Reino de Deus (Dn 7, 14; 2Cor 36, 23; Mt 6, 10). O mandamento missionário se refere ao presente dos discípulos - a sua missão universal e permanente de alastrar o Reino de Deus, para que todas as culturas, raças, etnias e religiões cheguem a ter o conhecimento da verdadeira face de Deus. Assim, Mateus mostra que a Igreja é missionária pela sua natureza, e uma Igreja que não a é, está traindo a sua natureza e identidade. Missão não é proselitismo, não é angariar novos adeptos para a Igreja – mas, é continuar a missão de Jesus, cuja mensagem foi centrada na chegada do Reino de Deus. Assim, somos chamados a sairmos dos limites visíveis das nossas comunidades, para que, em diálogo profético com todas as pessoas da boa vontade, colaboremos para que o Reino de Deus - a vivência da vontade do Pai - se torne realidade no nosso mundo.

Mateus não ignorava as dificuldades inerentes nessa missão. Cinquenta anos depois da Ascensão, a comunidade dele, perseguida e fraca, experimentava a tentação do desânimo. Por isso, Mateus insiste no elemento do futuro, que Jesus está e sempre estará com a comunidade dos discípulos. Por isso, não há porque desanimar diante das inevitáveis incompreensões e dificuldades. Pois, como dizia

Paulo, a partir da sua experiência prática de missionário, quando Deus está conosco, nada estará contra nós (Rm 8, 11).

A festa da Ascensão não celebra o afastamento de Jesus da sua comunidade; mas, ao contrário: celebra a sua presença de uma forma nova - na comunidade missionária dos discípulos. Domingo próximo, celebraremos um outro aspecto dessa nova presença, na Festa de Pentecostes.

- - -

Pe. Tomaz Hughes, SVD

E-mail: thughes@netpar.com.br

e-mail: thughessvd@yahoo.com.br

Textos anteriores em www.maikol.com.br , clique em Outros.